

Ser e fazer, um passeio pela imaginação um processo da interdisciplinaridade à transdisciplinaridade¹

Ana Maria Ramos Sanchez Varella
amvarella@terra.com.br

Resumo

Um dos princípios da pesquisa na área da Interdisciplinaridade é o desapego. A ação aqui apresentada parte exatamente desta palavra. Somente foi possível um novo olhar do professor pesquisador quando ele abriu suas fronteiras para um profundo trabalho na busca da estética e da ética. Quando ele se propôs a ouvir o outro numa dimensão singular e conseguiu perceber sua própria singularidade e limite. A dúvida constante e a humildade permitiram que o educador pesquisador pudesse ousar e permitir a ousadia do outro. O projeto incentivo à leitura, foi um encontro como diz Fazenda “de fora para dentro e de dentro para fora, confronto entre a ação praticada e a ação vivida. Quando os alunos universitários conseguiram expressar seus próprios sentidos foram capazes da ousadia maior da criação e transcendência. O professor educador neste momento recebeu desses alunos a possibilidade de uma nova produção do conhecimento. O Projeto está no seu quinto ano de prática e a cada ano é como se fosse o primeiro, nunca fica igual, sempre são os alunos que emitem o processo de sua construção. A temática proposta para discussões foi a partir de um conto de Guimarães Rosa: “A 3ª margem do rio”. O resultado da construção dos alunos leva-nos a um questionamento. Suas ações os estão levando para o processo da Interdisciplinaridade à Transdisciplinaridade?

Palavras – Chave: Interdisciplinaridade, Leitura, Transcendência

O endurecimento da educação disciplinar permitiu ao conhecimento científico e técnico avançar, outras dimensões ficaram esquecidas. Apesar de todas as lacunas na formação, o educador não renunciou jamais ao sonho de uma educação diferenciada (Fazenda, 1999, p.10).

Este artigo apresenta o envolvimento dos alunos universitários no projeto **incentivo à leitura**² que está no seu quinto ano de execução, e é realizado na área de Língua Portuguesa, sob minha orientação. **Histórico:** concretizado em 2000, foi uma estratégia elaborada por mim, para uma ação pedagógica a partir de emergências surgidas em salas de aula. Estava no início de minhas pesquisas na área da interdisciplinaridade, o que foi fundamental para ajudar na elaboração do projeto. Procurei construí-lo a partir das categorias propostas pela interdisciplinaridade e hoje, com cuidado e humildade, à medida que me aprofundo nas pesquisas, percebo novas construções e elaborações para ele.

Não é uma tarefa fácil abrir-se para ouvir o outro. Frustrações existem até hoje, mas são cada vez melhor digeridas por mim e pelos alunos. **Objetivos:** permitir que os alunos se integrem e reflitam sobre a leitura como processo integrador dos sentidos pois a literatura é

¹ Trabalho apresentado para o II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade em Vitória/Vila Velha, Espírito Santo, setembro de 2005.

² O projeto incentivo à leitura é um embrião que deu origem a minha tese abriu caminhos para buscar novos sentidos para o educar. Agradeço às Universidades que me permitiram e permitem dar seqüência a esse projeto, que muito tem contribuído para minhas pesquisas e para o crescimento individual dos alunos, co-autores deste projeto.

um pretexto para atrair novos leitores capazes de desenvolver novos conhecimentos e capacidades lingüísticas. Incentivar os alunos a serem leitores reflexivos e pesquisadores leitores. Além disso, levar os alunos a experienciar os atributos interdisciplinares: espera, diálogo, respeito, alegria, ousadia, desapego e refletir sobre a construção da própria vida. Os **resultados** são diferentes a cada semestre, pois há sempre uma nova proposta, participativa, construída com a ajuda dos alunos. Respeitam-se as individualidades e o caminho de cada um e assim o processo da leitura e a sua valorização, oferecem uma nova oportunidade da diversificação de novos olhares e direcionamentos. O encaminhamento e projeção deste projeto somente são possíveis, porque pôde ser aplicado, houve liberdade para o atuar.

O Projeto está no seu quinto ano de prática e a cada ano é como se fosse o primeiro, nunca fica igual, sempre são os alunos que emitem o processo de sua construção. Assim, o resultado da construção dos alunos leva-nos a um questionamento: suas ações os estão levando a um processo da interdisciplinaridade à transdisciplinaridade?

O educador não pode mais caminhar numa única e restrita direção. Ele terá que adquirir olhos de águia para que ele consiga olhar em múltiplas direções, porém em precisas direções, esse é um exercício de interdisciplinaridade Fazenda (2001, p.134).

Fase 2005: À medida que o projeto se desenvolve, há mudanças em minha postura como pesquisadora. No primeiro semestre de 2005, propus-me a utilizar com os alunos o método da escuta sensível³ a fim de ouvi-los em todos os canais e tentar com isso contemplar um aprendizado compartilhado para me aprofundar na valorização do potencial interno de cada um. Apresentar a idéia e questionar com eles as possibilidades de caminhos também passou a ser um novo passo para o projeto. Para isso, a estratégia foi buscar na mídia textos que pudessem gerar novas idéias.

Uma frase da mídia jornalística chamou minha atenção: “Os alunos universitários não sabem ler e interpretar textos” e outro comentário também mexeu comigo, um jornalista ainda mencionava Guimarães Rosa como uma das leituras mais difíceis de serem feitas e que dificilmente os universitários dariam conta de ler seus textos. Fiquei indignada com a generalização dos jornalistas e na defesa da competência de alunos ainda desconhecidos por mim, no semestre que se iniciaria, questionei o porquê dessa análise tão fria e cruel. Os jornalistas ignoraram a palavra estímulo, o recurso mais utilizado por mim, para que os alunos possam ler e escrever melhor e com competência. Por esse motivo o desafio foi duplo: um texto de Guimarães Rosa foi o escolhido para dar continuidade ao projeto incentivo à leitura 2005, e teria de provar que os alunos universitários eram capazes de ler e interpretar um texto. O que eu não contava é que teria um outro desafio, muitos alunos, de cursos diferentes, em uma mesma sala de aula.

Espera e paciência, a dinâmica do grupo: A ação a ser analisada é a partir do conto de Guimarães Rosa *A 3ª margem do rio*. Público-alvo: alunos dos cursos de Comunicação Social (Publicidade e Jornalismo) e Administração.

Salas numerosas, diferentes cursos com desejos e comportamentos diferentes. O curso de Administração, juntamente com o curso de Publicidade e uma disciplina comum Interpretação e Produção de textos. Os alunos já apresentam de início aversão à aula, pois

³ Segundo Macedo, é necessário ouvir com muita sensibilidade o outro pra haver um contato mais profundo entre emissor e receptor. É necessário enxergá-lo como “um ser que tem uma qualidade e imaginário criadores” (2000, p.199).

têm dificuldade com a Língua Portuguesa. O que fazer? Como atrai-los para a importância do ler e escrever?

O maior problema percebido foi o fato de que não nos conhecíamos, não tínhamos ainda nenhum vínculo entre nós, pois eram alunos recém chegados à Universidade, de cursos diferentes e que negaram trabalhar em grupos. A disciplina foi considerada chata, desnecessária, difícil, desestimulante etc. O que fazer? Percebi que não poderia entrar no texto sem que eles aceitassem essa convivência e mudassem de atitude.

Ao apresentar os contos “As primeiras histórias”, os alunos ficaram meio aborrecidos, alguns até nem queriam ler. Imagine ler Guimarães Rosa! Criticaram de início a proposta. Persisti na idéia, mostrei a eles a importância do autor e de conhecer um pouco do que ele havia escrito, a época e pedi que lessem, tentassem, e assim foi. No começo, tive mesmo que dar conta de tudo sozinha. Eu mesma falava, interpretava e eles ouviam, mas alguns não estavam sendo chamados para a leitura. Mais uma vez precisava intervir no processo. Apesar de já ter vivido esse embate outras vezes, sempre era um novo momento, novos desafios, público diferente. Eu era a mesma visitando meu passado, mas eles estavam no processo pela primeira vez. Se não fizesse algo naquela situação emergente, poderia pôr tudo a perder.

Pensei em dinâmicas como estratégias para se conhecerem melhor, até porque nos processos de seleção para emprego eles estão habituados a vivenciá-las. Fizemos vários jogos em que pudessem conversar, conhecerem-se melhor, trocar idéias. Até mesmo a dramatização foi uma das estratégias apresentadas como forma de união.

Com paciência, esperei o momento certo para intervir no processo e comecei a mostrar a eles a importância da convivência num grupo, respeitando as diferenças, na busca da harmonia, bom senso, consenso etc. Não houve uma sintonia geral, mas a maioria parecia aceitar minhas colocações e começou a haver um movimento de união e aceitação do grupo na sala. O que se percebeu foi que a postura deles em relação ao grupo modificou-se, passaram a valorizar a palavra do outro, a ouvir e respeitar o outro e assim pudemos, em outra aula, retomar mais serenamente o texto de Guimarães Rosa. O processo vivido é de reconstrução constante, pois o caos é instaurado em qualquer momento da aula. Há a necessidade de ficar atenta a tudo que se passa para a harmonia geral. Quando se percebe que não estão funcionando, entram outras dinâmicas e assim os alunos vão se conhecendo e conhecendo cada vez mais o outro.

Ação proposta com desapego: A ação proposta tenta desmistificar a problemática leitura-escrita do universitário. O método utilizado parte da postura disciplinar e propõe outros patamares que passam pela interdisciplinaridade, em busca da transdisciplinaridade. Alguns momentos são fundamentais nesse processo, entre eles: estratégias de leitura, textualização, intertextualização, encantamento, reflexões, busca de sentidos e transcendência ao texto. Assim como Fernando Pessoa que diz que “a literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta”, é necessário sempre buscar novos sentidos para a vida e o processo de criação pode ser um grande aliado.

Um dos princípios da pesquisa na área da Interdisciplinaridade é o desapego. A ação aqui apresentada parte exatamente desta palavra. Somente foi possível um novo olhar, quando abri minhas fronteiras para um profundo trabalho na busca da estética e da ética. Quando me propus a ouvir o outro numa dimensão singular e consegui perceber minha própria singularidade e limite. A dúvida constante e a humildade me permitiram a ousadia e permissão para a ousadia do outro. O projeto incentivo à leitura é um encontro como diz Fazenda “de fora para dentro e de dentro para fora, confronto entre a ação praticada e a

ação vivida”. Quando os alunos universitários conseguiram expressar seus próprios sentidos foram capazes da ousadia maior da criação e transcendência. Percebi nos alunos a possibilidade de uma nova produção do conhecimento.

As etapas disciplinares foram seguidas, estratégias de leitura, paráfrases, reflexões, interpretações com objetividade e subjetividade, busca dos diferentes sentidos do texto. Os alunos se utilizaram de diferentes recursos para formar sua produção e com isso valorizaram também a disciplina. Cada aluno contribuiu com seu grupo apresentando seus textos individuais a partir da leitura do texto. Assistir ao filme *A 3ª margem do rio* também foi mais uma das composições dessa fase. Após o estudo do texto, analisado o filme, as trocas, reuniram-se para construir o sentido do texto para o grupo. Poderiam desenvolver o trabalho com qualquer tipo de linguagem ou expressão.

Os grupos poderiam manifestar a representação da terceira margem da forma que quisessem, com a arte que desejassem, já que Guimarães Rosa não deixa explícita a idéia do que seja a terceira margem, fica apenas a idéia de uma transcendência, uma imagem a ser perseguida. Trabalhos fantásticos, poesias, dramatizações, tudo foi feito por eles. A cada aula mais energia, mais vontade de escrever e de criar.

Riqueza nas apresentações: Foram várias aulas de pura emoção, os grupos integrados trouxeram suas riquezas na construção de poesias, quadros, maquetes, origames, dramatização etc. Cada grupo apresentava o que significava a terceira margem pra eles, a alegria, tristeza, solidão, fé, harmonia, vida foram algumas das palavras utilizadas no contexto das apresentações.

A classe se emocionava e me emocionava a cada apresentação. Estava vivendo um processo de transformação interna mais uma vez. Não conseguia explicar esse fenômeno que estava ocorrendo. Um fato que chamou a atenção no meio de tantos, foi o de uma garota que escreveu uma carta a seu pai que havia morrido há pouco tempo. No conto *A terceira margem do rio*, o personagem principal passa a sua vida toda em busca de um pai que já não existia, ele ficou paralisado a todas as construções, em todas as fases de sua vida.

Ela iniciou sua fala dizendo que a terceira margem pra ela era a tristeza que ela tinha sentido com a partida do pai, que havia morrido de repente sem ela ter tido a oportunidade de dizer que o amava, ela estava sem falar com ele há algum tempo. Começou a ler a carta, ela chorava, todos choravam, a emoção foi total. Ela lia, chorava. Quando ela terminou de ler, em soluços, ela disse a todos os seus colegas que chegassem em casa e abraçassem seus pais, pedissem desculpas e que dissessem que o amavam, pois ela não havia tido essa oportunidade. Não há palavras para descrever essa noite. Fui para casa em estado de emoção completo.

Compartilhar, um momento mágico: Os alunos fizeram apresentação oral de seus trabalhos e se utilizaram de textos poéticos, dramatizados, músicas, e todo o tipo de expressão. Todos se harmonizaram e se confraternizaram. Um momento mágico, pois não houve medo do compartilhar emoções, idéias. Educadora e alunos se envolveram de forma uníssona, com respeito e transformação.

Segundo Fazenda (1999, p.10) “o respeito ao ser de cada um, ao universo particular de suas subjetividades, de suas diferenças, marca o exercício do educador no cotidiano”.

As apresentações continuaram e ao terminar, perguntei se eles gostariam de fazer uma exposição com os trabalhos e eles aceitaram o desafio. Outros que fizeram cenas dramatizadas aceitaram colocá-las no teatro. Eles concluíram o processo com um evento cultural aberto ao público, com apresentações dramatizadas e exposição, totalmente organizadas e dirigidas por eles. Importante destacar que o apoio da Diretora Pedagógica,

Chefia de Campus, Coordenadores e funcionários da Universidade⁴ é fundamental para que os alunos tenham a liberdade de criar além da fronteira da sala de aula. Sem dúvida esse apoio não tem faltado, o que me incentiva cada vez mais a aprofundar as pesquisas para que esse projeto não seja apenas meu e de meus alunos.

O texto “pretexto” de Guimarães Rosa nos abre um caminho para a busca da terceira margem do rio. Onde está? Para que serve? O que fazer com ela? Sair de uma margem e chegar à outra não basta. É preciso perceber que há muitos caminhos e diferentes dimensões para se chegar. O método a percorrer dependerá do nosso preparo em molhar ou não os nossos pés num rio tranqüilo ou com muita correnteza. O desafio é ousar!

A magia da construção: A pesquisa tem uma magia toda especial, pois proporciona ao pesquisador essa transformação interna. Tanto eu quanto os alunos saímos enriquecidos de todo esse processo. A emoção surge e contagia, por isso o movimento da 3ª margem do rio foi tão forte neste ano. Navegamos pelo rio, às vezes calmo, às vezes bravio, não tivemos medo de enfrentá-lo, mesmo indo em direção a uma terceira margem desconhecida.

O nome dado à exposição e ao evento cultural foi *A terceira margem em movimento*. Por que movimento? Porque é exatamente assim que criamos, que compartilhamos, que nos transformamos. Foi assim que enfrentamos o rio, com suas águas em constante movimento rumo ao mar.

Mais uma vez, precisávamos colocar no evento toda a nossa alma, toda a nossa conquista. Foram muitas horas de trabalho de montagem e ensaio. Permaneci com os alunos todos os dias em ensaios e a exposição começou a ser montada às 10h de um sábado e trabalharam até as 18h e no dia seguinte, à noite, ainda deram os retoques finais.

No teatro, foram apresentadas as cenas feitas por eles. Houve uma comoção geral, eram realmente autores e atores de sua própria construção. A garota que havia feito todos chorarem na sala quis apresentar-se como atriz de seu próprio processo. Retrato no ato fictício-real sua própria história. Havia uma cena de um pai morto e ela leu a carta feita para seu próprio pai. A platéia se emocionou sem saber que aquela cena não era irreal.

Essa garota hoje é outra pessoa. Ela disse que esse trabalho proporcionou-lhe a cura, ela se libertou das mágoas que a marcaram e conseguiu libertar-se do luto que ela se impunha. Mais uma vez as palavras não revelam a beleza do momento.

A Universidade se abriu para o reconhecimento de um projeto que já está no seu quinto ano e que era vivenciado no silêncio da sala de aula. O reconhecimento permite a ação pedagógica com liberdade, fundamental para que todo esse encaminhamento possa ocorrer. Os alunos puderam livremente mostrar os resultados de sua construção. Há dados importantes a serem destacados há dois ou três professores que apóiam o projeto durante todo o tempo de sua execução. Outros ainda não participaram, houve quem se negou a acompanhar os alunos nessa construção, viraram as costas para o crescimento de seus alunos, questionaram o trabalho e o prejuízo de aulas, fizeram reclamações à coordenação. Mas nada disso desmotivou o grupo, embora ainda fique surpresa com tais atitudes, entretanto, os valores obtidos e o desenvolvimento pessoal dos alunos fazem esquecer outros incidentes.

⁴ Agradecimento especial ao Campus Anchieta: à diretora pedagógica Denise Barros, ao Chefe de Campus Pedro Bruno Júnior e ao Coordenador de Comunicação Social Ivan Ferraz que são os incentivadores dessa prática pedagógica.

Transcenderam, essa é a palavra correta para descrever o que ocorreu com as salas neste semestre. De uma ação interdisciplinar eles fluíram para outras esferas e se soltaram como pássaros com a gaiola aberta. Voaram, mas regressaram prontos para outros vôos, certos de que nunca mais ficarão acorrentados em suas gaiolas, pois a porta estará sempre aberta. Enfrentar o desafio, a dúvida, não ter medo de errar e voltar atrás, de pedir desculpas, de questionar. Exercer com o outro o encontro da harmonia e humildade, sem perder sua forma ética e estética da construção do conhecimento.

Muitos alunos, em suas reflexões, escreveram que depois desse projeto eles não são mais as mesmas pessoas, disseram que aprenderam e cresceram muito com todo o processo. E eu mais uma vez, com certeza, já estou transformada e modificada com o crescimento dos alunos.

Uma ação interdisciplinar, liberdade na educação?

Uma proposta para a modificação dos paradigmas educacionais é pensar em ações interdisciplinares nas salas de aula. Com isso, a autoridade é conquistada, não há lugar para insatisfação ou arrogância. As palavras de ordem são humildade, cooperação, produção do conhecimento. Alunos e educador tornam-se parceiros das ações exercidas.

Segundo Fazenda (2001), a primeira evidência de um trabalho interdisciplinar “é o respeito ao modo de ser de cada um, ao caminho que cada um empreende em busca de sua autonomia, é um encontro entre indivíduos”.

Uma atitude interdisciplinar é identificada pela ousadia da busca, da pesquisa, da transformação. Por isso é importante que isso ocorra também na Universidade, pois propicia aos alunos pesquisadores a oportunidade de revelarem suas potencialidades e competências. Quando se realiza um projeto interdisciplinar há a necessidade de que as pessoas nele envolvidas sintam o desejo de fazer parte dele. Fazenda (2001) nos alerta de que a Interdisciplinaridade é essencialmente um processo que precisa ser vivido e exercido com prazer.

E foi com esse desejo de construção, desconstrução, participação, parceria, ousadia e busca que a leitura do texto *A 3ª margem do rio*, de Guimarães Rosa apresentou como resultado um evento cultural com dramaturgia e exposição de trabalhos com os mais diferentes tipos de arte. Todos os alunos tiveram a oportunidade de se envolver de alguma forma com o evento.

Se a interdisciplinaridade é ação, com certeza os alunos conseguiram atingir os objetivos propostos por ela, levando-os ao caminho do pensar, questionar e construir. A liberdade do ser individual foi exercida, respeitada em todas as suas potencialidades. A sala de aula da graduação teve o privilégio de aprender a pesquisar fazendo pesquisa.

Os alunos de Publicidade, Jornalismo e Administração o fizeram com categoria e exerceram desde a sala de aula uma parceria entre mim e Guimarães Rosa.

Audácia, coragem, esperança, vontade é assim que se apresentam as novas discussões para o educar? A reformulação de pensamentos para a educação deve passar, pela reformulação dos pensamentos dos próprios professores? A pergunta feita por Marx continuava até hoje sem resposta: “Quem educará os educadores? Entretanto, após este projeto interdisciplinar, pode-se pensar que os alunos também no seu fazer interdisciplinar podem cooperar na construção dos educadores? Esse tipo de ação permite uma auto-avaliação sem medo de encarar os erros e acertos e liberdade para exercer o processo íntimo de construção? Uma ação interdisciplinar é liberdade para o educar? Pode-se pensar que as ações aqui descritas, do “ser e fazer”, estão nos levando a um passeio da interdisciplinaridade à transdisciplinaridade?

Referências bibliográficas

FAZENDA, Ivani Catarina. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*.
Campinas, Papirus, 2001.

_____ *A virtude da força nas práticas interdisciplinares*.
Campinas, Papirus, 1999.

_____ *A pesquisa em educação e as transformações do
conhecimento*. Campinas, Papirus, 2003.

_____ (org) *Novos enfoques da pesquisa educacional*. São
Paulo, Cortez, 2004.

MORIN, Edgar. *Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São
Paulo, Cortez, 2005.

MACEDO, R.S. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e
na educação*. Salvador: EDUFBA, 2000.